

## PARA ALÉM DA ANGÚSTIA DE CASTRAÇÃO

*Ana Carolina Borges Leão Martins  
Laéria Fontenele*

O texto que segue expõe os resultados parciais do grupo de trabalho *O Conceito de Objeto a*, desenvolvido no Laboratório de Psicanálise da UFC, de março a julho de 2011, com o financiamento da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap).

Em 1937, Freud (1937/1996) se deteve em um obstáculo muito preciso, a se manifestar na transferência de homens e de mulheres. No caso delas, há uma exigência incessante endereçada ao analista, as mulheres reivindicam o atributo fálico, avidez que assume, ao fim de análise, colorações melancólicas, ante o impossível de se ter. Já os homens evitam a posição de passividade na relação com outros homens, recusam a própria cura, e não suportam pôr-se em dívida com o analista. De um lado ou de outro, Freud demonstra que a lógica fálica está em sintonia com o funcionamento do aparelho psíquico, e que o feminino resta impossível de ser significado.

Na década de 1950, após a morte de Freud, os psicanalistas de tradição inglesa insistiram em fazer uma análise avançar para além do rochedo da castração. Retomando as flutuações afetivas entre o sujeito e o objeto de satisfação, esses psicanalistas direcionaram suas intervenções ao que existe de mais primitivo na constituição do aparelho psíquico, em anterioridade ao acesso à palavra. Ao fim, eles ambicionavam que homens e mulheres pudessem alcançar o estado de harmonia genital - a completude entre sujeito e objeto -, índice da retificação da fantasia e do acesso à normalidade psíquica.

Diante dessas variadas tentativas em ultrapassar os limites da clínica freudiana, a proposta de Lacan surpreende: na década de 1960, no seminário sobre a angústia, ele

intenciona fazer uma análise avançar para além da angústia de castração. Afinal, qual seria a diferença entre Lacan e os pós-freudianos?

Nesse trabalho, pretendemos discutir a *dupla função da falta*, tal qual apresentada por Lacan em 1963. É por essa via que nos será possível demarcar as distinções entre um e outros.

### **1. A primeira função da falta: o sujeito em sua casa**

Com o auxílio do esquema óptico de Bouasse, Lacan situa a primeira função da falta à direita do esquema, no campo do Outro, lá onde o inconsciente se estrutura como linguagem. O universo simbólico produz o enquadramento do mundo, à semelhança de um espelho plano, com limites e arestas, a demarcar o domínio do visível. Na extensão do quadro, em um canto pré-determinado pelo desejo do Outro, cada ser falante encontra sua morada, seu “Heim”, ambiente familiar e íntimo, dentro do qual se aloja, confortavelmente, a realidade psíquica. Trata-se, no entanto, de uma casa vazia, designada pelo símbolo (- phi), porém passível de ser mobiliada de várias formas, ou com os mais diversos sentidos, previamente dispostos no universo simbólico. Infelizmente, o campo do Outro não dispõe do significante último, privilegiado, responsável por preencher todos os desvãos da nossa casa. O simbólico decepciona quando interpelado pelo sujeito, não há resposta para a inconveniente pergunta dos seres falantes: *Quem eu sou?*

Diante da ausência do significante último, o neurótico mobiliza todos os seus recursos, desfila a listagem das demandas, a surgirem no espaço vazio designado por (- phi). O sintoma assim se constitui como uma resposta, fixa e estável, à castração do Outro, efeito positivo de sentido, e meio pelo qual o neurótico acredita recuperar a consistência do seu ser. No caminho vetorial inverso à formação dos sintomas, a direção do tratamento promove o esgotamento das demandas, filtra a consistência ontológica da

neurose, até fazer emergirem, novamente, os vãos da casa do sujeito, lá onde falta o significante último em que o ser possa agarrar-se.

No entanto, não são quaisquer significantes que se oferecem à fixidez sintomática. No campo do Outro, a norma edípica incide sobre os seres falantes, impõe-lhes uma escolha forçada, a regular a economia do desejo: ou bem eles são o falo, e abandonam as pretensões de tê-lo, ou bem eles têm o falo, para jamais chegarem a sê-lo. Sob as diretrizes simbólicas do falo e da castração, a lei sexual substitui a relação sexual, destino inevitável, quando o corpo sexuado mostra-se insuficiente para designar seus objetos de satisfação.

Aqui, a primeira função da falta, interna à lógica do significante, dá a ver uma falta ainda mais constitutiva, referente à inexistência da relação entre os sexos. Submetidos às leis da linguagem, homens e mulheres ofertam o próprio sintoma em resposta à castração do Outro, oferta falaciosa, em acordo com Lacan (1963/2005), porque destinada a recobrir uma falta ainda mais estrutural, e comum a todos: não há o objeto último capaz de suturar as bordas da superfície corporal.

## **2. A segunda função da falta: o não-especular.**

À esquerda do esquema ótico de Bouasse, no campo do sujeito, Lacan (1963/2005) situa a segunda função da falta, em estreita articulação aos domínios do corpo e do auto-erotismo.

O que existe para além do enquadramento do espelho plano? Ultrapassando o universo simbólico, em um campo inacessível aos seres falantes, temos o cosmo, o mundo imediato, essa completa desordem dos objetos *a*. No artigo sobre o narcisismo, Freud (1914/2004) nos assinala que, na origem, há o disperso pulsional, a libido auto-erótica é anárquica, difusamente distribuída nas zonas erógenas do corpo. Ao se constituir, o Eu é responsável por promover uma importante ação psíquica: organiza o

disperso pulsional, institui a passagem, da libido auto-erótica, à organização narcísica da libido.

Nesse primeiro momento, real e imaginário se superpõem, estão no mesmo plano, indiferenciados, ambos sujeitos aos investimentos libidinais. De tal maneira, o substrato orgânico confere uma forma aos elementos dispostos no mundo circundante e, de modo inverso, os objetos imaginários situam os limites do próprio corpo. Assim, o Eu e a realidade são contemporâneos, fundam-se nesse movimento de virada subjetiva em que o bebê, pela primeira vez, reconhece-se em uma imagem corporal humanizada e distinta dos demais elementos dispostos no mundo.

Poderíamos supor que, no caso dos seres humanos, existe uma acoplagem perfeita entre a imagem (real e invertida) do vaso e as flores reais que lhe servem de ornamento? Para os animais, vasos e flores constituem uma gestalt harmônica, a tipologia da espécie, capaz de se parear com outra imagem-tipo, e assim propagar a vida. O mesmo não acontece com os humanos.

Em situação irremediável de desamparo, o bebê é forçado a encontrar as vias de satisfação no campo do Outro: depende da boa vontade da mãe em atender às urgências mais vitais, e não se sabe exatamente o que a faz surgir, ou provoca o seu desaparecimento. *O que queres?* A pergunta, ainda mais constitutiva, remete-nos ao instante em que as necessidades são significadas, percorrendo o circuito inconsciente. No caso dos seres falantes, por força do estado prematuro dos bebês, as necessidades orgânicas são muito precocemente capturadas pelo aparelho de linguagem, cuja isca é o obscuro e opaco desejo do Outro.

Lacan (1963/2005) situa o “ponto de desejo” no corte instaurado entre o sujeito e o objeto, essa falha ontológica, irremediável, na acoplagem entre o real e o imaginário. Em um só tempo, o corte, operado pela linguagem, inaugura as bordas do corpo (as

zonas erógenas) e confere uma forma ao objeto de satisfação, afinada com tais bordas da superfície corporal. A incidência do corte assim promove a erotização de zonas privilegiadas do corpo, em diferentes níveis, ao mesmo tempo em que faz decair o objeto privilegiado, supostamente capaz de aplacar a exigência imperiosa da pulsão.

Aquém do espelho plano, no campo do sujeito, não sabemos muita coisa sobre o que anima o nosso corpo, ignoramos o que compõe o erotismo, as vias de satisfação são obscuras, na mesma medida em que perdemos o acesso ao objeto último. À diferença dos kleinianos, Lacan localiza o objeto atrás do desejo (e não à frente), em função de causa (e não de finalidade), destacando aquilo que permanece profundamente investido no domínio do corpo e do auto-erotismo, em anterioridade lógica ao ingresso na cadeia significante. De tal maneira, na dialética do sujeito ao Outro, a libra de carne não se reduz pelas vias da palavra, constitui-se como um resto impossível de ser reintegrado às bordas do corpo, e assim serve de suporte ao desejo e à fantasia ( $\$ \diamond a$ ).

Lacan demonstra (1963/2005) que há perda de libido no trânsito narcísico, pois nem tudo relativo aos investimentos libidinais pode ser subjetivado no campo do Outro. Desse modo, a imagem virtual, contínua e unitária, refletida por detrás do espelho plano, fracassa em projetar uma falta ainda mais constitutiva, da ordem do não-especular: o objeto *a* traduz-se, no campo do Outro, como um espaço vazio, o lugar do falo (- phi). Sob a égide da norma edípica, essa lei que rege o universo simbólico, homens e mulheres respondem, com os recursos falaciosos de seus sintomas, à falta estrutural, comum a todos, referente à impossível relação entre os sexos.

Há, no entanto, situações em que ocorre uma inconveniente aproximação entre as duas funções da falta: o objeto *a* invade a casa do sujeito, súbito, inesperado, preenchendo o espaço reservado ao (- phi). Em um lugar específico do espelho do

Outro, na morada do sujeito do inconsciente, o real atravessa a malha da fantasia, manifestando-se sob o colorido da angústia.

A angústia de castração está condicionada ao campo do Outro, é enquadrada, fadada a emergir em um lugar pré-determinado: lá onde homens e mulheres respondem simbolicamente à falta do objeto último de satisfação. Em análise, na transferência com o analista, a angústia é um sinal, jamais enganoso, da aproximação do ponto de desejo.

### **3. Conclusões parciais: para além da angústia de castração**

Para Lacan (1963/2005), a castração surge, enquanto obstáculo, quando os psicanalistas falham em localizar a dupla função da falta. Assim, incapazes de situar a falta do objeto de satisfação, os psicanalistas pós-freudianos andaram as voltas com a exigência do falo, do lado feminino, e o temor em perdê-lo, do lado masculino. Enquanto saída, postularam a harmonia genital, agravando ainda mais o problema. À diferença dos pós-freudianos, a proposta lacaniana radicaliza a segunda função da falta, estrutural e comum a todos, referente à impossível complementaridade entre os sexos. A angústia de castração aponta para o que se encontra mais além do campo do Outro, é a prova de que algo relativo ao investimento libidinal não pode ser subjetivado. Ao final de análise, o atravessamento da fantasia nos conduz ao confronto entre o sujeito e o objeto causa de desejo, confronto não redutível ao significante.

Essas formulações apresentam importantes conseqüências clínicas. Em nossas conclusões, gostaríamos de destacar duas delas:

Em primeiro lugar, as intervenções do analista devem ser diferenciadas, produzem efeitos distintos, quer incidam sobre a significação fálica ( $-phi$ ), quer estejam voltadas à relação do sujeito com o objeto causa de desejo ( $\$ \diamond a$ ). Em referência à significação fálica, os sintomas são metafóricos, inclinam-se à tarefa de decifração, e o bê-a-bá freudiano nos ensina que a decifração dos sintomas é a mola terapêutica das

análises. No entanto, a fantasia não se oferece à interpretação do analista, já que a relação do sujeito ao objeto causa de desejo é irreduzível ao significante. Desse modo, Lacan propõe o atravessamento da fantasia, uma maneira de vislumbrarmos as obscuras vias de satisfação, as que não são possíveis de serem especularizadas.

Por fim, a partir do conceito de objeto *a*, os psicanalistas se reportaram a sintomas aparentemente sem consistência simbólica, em articulação estreita com o corpo e com o auto-erotismo. Antes de nos perguntarmos o que a psicanálise tem a oferecer face os chamados ‘novos’ sintomas, de modo retroativo, é possível apontar quando os ‘novos’ sintomas se tornaram alvo de interesse do movimento psicanalítico. Conforme pudemos demonstrar, Lacan (1963/2005) abre espaço para essas discussões, ao dirigir nossa atenção para algo que não pode ser subjetivado, ou regulado, no campo do Outro.

## **BIBLIOGRAFIA**

FREUD, S. Análise Terminável e Interminável (1937) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. O Estranho (1919) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. À Guisa de Introdução ao Narcisismo (1914) In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**, v 1. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

LACAN, J. **O Seminário: Livro 10: A Angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

## **SOBRE AS AUTORAS**

**Ana Carolina Borges Leão Martins.** Bolsista pré-doutor do Laboratório de Psicanálise da UFC. Coordenadora do grupo de trabalho *O Conceito de Objeto a*. Mestre em Psicologia (UFC). Membro do Corpo Freudiano de Fortaleza.

**Laéria Bezerra Fontenele.** Psicanalista. Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFC. Coordenadora do Laboratório de Psicanálise da UFC. Pesquisadora-responsável pelo grupo de trabalho *O conceito de Objeto a*. Diretora do Corpo Freudiano de Fortaleza.